

Comentários ao documento “A CIÊNCIA EM PORTUGAL”

O documento identifica alguns factores que de algum modo condicionam a investigação científica em Portugal:

1. Número elevado de projectos e o baixo financiamento por projecto. Esta é uma realidade que pode ser usada para criar unidades de maior dimensão e massa crítica capazes de competir à escala global. Tal tem um custo político associado pois muitas das unidades existentes vão desaparecer ou serão forçadas associar-se. A reorganização das unidades de investigação é urgente mas precisa de estar suportada por uma visão estratégica para a ciência Portuguesa que não existe ou é desconhecida da maioria dos cientistas.
2. O financiamento é maioritariamente público sendo a percentagem de financiamento do sector privado bastante inferior ao encontrado na maioria dos países desenvolvidos. Urge perguntar se esta situação é ou não sustentável? Acresce ainda que muito do financiamento público vem directamente de fundos comunitários que vão certamente diminuir nos próximos anos.
3. O financiamento das unidades unicamente por projectos que se aponta como via a seguir só terá viabilidade se a abertura de projectos for feita com regularidade, com uma avaliação rápida e rigorosa, e com os correspondentes contrato e financiamento sem atrasos.
4. Os doutorados pelo sistema têm muito pouca saída para o sector privado maioritariamente constituído por pequenas e médias empresas, muitas delas ligadas ao sector dos serviços e não da produção. Esta é uma situação grave que já se faz sentir com a saída de muitos portugueses altamente qualificados para o exterior. Este problema só tem solução com uma política articulada como sector privado. As políticas existentes têm sido altamente ineficientes, como se prova pelo número limitado de doutorados absorvidos pelo sector privado. É urgente a tomada de medidas para atenuar este problema na linha das sugestões apontadas pelo grupo de trabalho sobre “Carreiras e Oportunidades de Trabalho Científico: Obstáculos e Soluções”.
5. O sistema científico sofreu um forte incremento com o programa Ciência 2007 e 2008, que originou a entrada de mais de 1000 investigadores doutorados no sistema. Esta entrada, em tão curto espaço de tempo, teve como consequência a entrada de alguns investigadores menos qualificados que em condições normais não teriam acedido ao sistema. Como a contratação destes investigadores é a um prazo de 5 anos, urge preparar a integração de parte destes investigadores no sistema científico. Quantos serão absorvidos pelas Universidades? Que regras serão usadas para avaliar o desempenho destes investigadores no final dos contractos? Estas regras deveriam estar já definidas e deviam estar na base da

eventual integração de investigadores nas Universidades e Unidades de Investigação. Muitos dos que não forem absorvidos engrossarão o número de desempregados e certamente os melhores irão buscar lá fora o que o país não lhe pode oferecer.

6. Relacionado com este problema, está a inexistência quase completa de pessoal técnico a nível superior e não superior nas unidades de investigação universitária. O que existe tem quase todo um estatuto precário. O permanente, que é residual, não é avaliado e tem baixa produtividade. É aspecto que merece atenção aprofundada.
7. A investigação científica deve ou não estar ligada ao sector produtivo contribuindo para a sua competitividade? Parece óbvio que sim mas mais uma vez falta uma visão estratégica e uma política estruturada para responder a este problema. Tal prende-se com a definição dos desafios que Portugal terá que enfrentar no futuro e as apostas firmes que deseja fazer em sectores ou áreas consideradas estratégicas.
8. A competição na investigação científica tem estado a aumentar muito com a entrada de novos actores provenientes da China, Índia, Brasil, etc. Está o sistema universitário preparado para responder a padrões de formação cada vez mais exigentes? A dúvida existe e todos nós - Professores Universitários - sentimos uma degradação da qualidade do ensino nos anos recentes.
9. Portugal conseguiu nos últimos 30-40 anos afirmar-se no contexto internacional em algumas áreas científicas. Foi difícil atingir este objectivo que pode rapidamente desaparecer se deixarem de existir condições de sustentabilidade (financiamento, estudantes, reequipamento, etc.). Este problema está a ser equacionado? Não é possível para um país pequeno como Portugal e com poucos recursos competir em todas as áreas à escala global. Quais as áreas que se destacam no nosso panorama? Qual a estratégia a seguir?

Lisboa, 6 de Outubro de 2010

José Manuel Gaspar Martinho

(Prof. de Química)